

“OS AMIGOS DOS MEUS AMIGOS SÃO MEUS AMIGOS?”: AS CONSEQUÊNCIAS DO CAPITAL SOCIAL PARA AS DIFERENÇAS SALARIAIS ENTRES HOMENS E MULHERES NO BRASIL

Fábio Lúcio Rodrigues¹

Mércia Santos da Cruz²

Wallace Patrick Santos de Farias Souza³

RESUMO

As redes de relacionamentos interpessoais promovem geração de valor, exercendo influência direta na composição dos rendimentos da força de trabalho. Contudo, ainda são escassas as aplicações empíricas que estabeleçam medidas ao nível dos indivíduos e, principalmente, que estudem as influências que o desenvolvimento dos laços sociais acarreta sobre as pessoas e suas relações de trabalho. Nesse contexto, o objetivo deste estudo se constitui em identificar variáveis representativas para o capital social ao nível do indivíduo, verificando seus efeitos sobre a composição dos salários e a consequente diferença salarial por sexo e *quantis* de rendimentos. A PNS é utilizada para executar diferentes estratégias econométricas com o objetivo de identificar o impacto do capital social sobre os salários por sexo. Os resultados apontam para um claro efeito do estoque de capital social sobre os salários em geral, mas com impacto superior nos rendimentos femininos tanto na média quanto nos salários das mulheres que estão nas faixas salariais mais baixas.

Palavras-chave: Capital Social. Decomposição Salarial. Diferenças Salariais.

ABSTRACT

Networks of interpersonal relationships promote the generation of value, exercising a direct influence on the composition of the income of the workforce. However, empirical applications that establish measures at the level of individuals and, mainly, that study the influences that the development of social ties have on people and their work relationships are still scarce. In this context, the objective of this paper is to identify representative variables for social capital at the level of the individual, verifying its effects on the composition of wages and the consequent wage difference by sex and incomes quantiles. The PNS is used to execute different econometric strategies in order to identify the impact of social capital on wages by sex. The results point to a clear effect of the stock of social capital on wages in general, but with a higher impact on female incomes both in the average and in the salaries of women who are in the lowest salary rangers.

Keywords: Social capital. Wage decomposition. Wage differences.

Área 12: Questões espaciais no mercado de trabalho.

Código JEL: J00. J16. J31.

¹ Professor do Departamento de Economia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: prof.fabiolucio@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: mercia_sc@hotmail.com.

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: wpsfarias@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O período iniciado em meados da década de 1970 trouxe um crescente protagonismo das mulheres no contexto do mercado de trabalho mundial, principalmente nos países de tradição democrática. Características tipicamente femininas, como a capacidade de trabalho em equipe, a persuasão argumentativa e a maior capacidade de cooperação têm levado as mulheres profissionais a ganharem cada vez mais espaços no ambiente laboral, trazendo à tona, por consequência, à necessidade de novas discussões das diferenças salariais existentes entre os gêneros ao longo dos anos (PROBST, 2015).

Segundo Araújo e Ribeiro (2002), a População Economicamente Ativa (PEA) feminina cresceu 260% entre os anos de 1970 e 1990, enquanto que a participação dos homens se elevou em apenas 73% no mesmo período, sendo que o rendimento médio das mulheres representava apenas 41% do masculino. Mas, apesar da persistência das diferenças salariais das mulheres em relação aos homens, este *gap* remuneratório vem reduzindo-se consideravelmente desde a década de 1970. Dados do Cadastro Central de Empresas (CEMPRE) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) expostos em Caoli (2016) mostram que, a partir de 2009, o rendimento médio feminino já representava, em média, 80% do masculino.

É possível que tais reduções não tenham relações apenas com motivos específicos, como aumento da produtividade e escolaridade ou aspectos demográficos tal como a redução da fecundidade. Mas sim, com um contexto de desenvolvimento social mais amplo, o qual a mulher vem buscando, cada vez mais, o seu protagonismo na sociedade a qual está inserida e, principalmente, na procura de igualdade de condições no ambiente das relações de trabalho (Ver Lang (1986), Holzer e Neumark (1999), Altonji e Blank (1999), Chevalier (2007), Grove, Hussey e Jetter (2011), Madalozzo, Martins e Lico (2015) e Faustino, Araújo e Maia (2017)).

Em paralelo, vários autores enfatizam o papel do capital social como elo fundamental para o desenvolvimento das instituições em economias de mercado a partir da segunda metade do século XX. Cremonese (2006) enfatiza que a edificação de um sentimento comunitário depende da ação recíproca entre as pessoas que nela convivem, constatando que redes de interação social são fundamentais para a ampliação do capital social. Já Pollán (2013) entende que laços sociais cada vez mais intensos necessitam de tempo e esforço para serem estabelecidos e que o relacionamento direto em grupos homogêneos ao longo da vida das pessoas é a característica básica do desenvolvimento do capital social.

Apesar de uma grande gama de estudos que incorporam a teoria do capital social para explicações as mais diversas acerca do comportamento e desenvolvimento de governos e instituições, ainda são escassas as aplicações empíricas que estabeleçam medidas de capital social ao nível dos indivíduos e, principalmente, que estudem as influências que o desenvolvimento dos laços sociais acarreta sobre as pessoas e suas relações de trabalho.

Nesse contexto, o objetivo central do presente estudo se constitui em identificar variáveis representativas para o capital social ao nível do indivíduo, verificando seus efeitos sobre a composição dos salários e a consequente diferença salarial por sexo e *quantis* de rendimentos. Para atingir o objetivo proposto são executadas várias aplicações econométricas a fim de verificar a persistência dos resultados.

Além desta introdução, o presente trabalho conta, também, na seção 2, da revisão de literatura, assim como apresenta a evolução do conceito de capital social e aborda as alternativas de mensuração que serão utilizadas nesta pesquisa. A seção 3 traz um detalhamento da estratégia empírica utilizada nesse ensaio e a base de dados relacionada. Na seção 4 são discutidos os resultados empíricos e a seção 5 apresenta as considerações finais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

As diferenças entre os rendimentos auferidos por homens e mulheres é um assunto amplamente discutido desde a revolução feminista observada a partir do final dos anos 1960. A hipótese neoclássica de que a oferta e a demanda por mão de obra determinavam os salários no mercado de trabalho não mais respondia o fato de que os trabalhadores, ao possuírem níveis diferenciados de capital humano, eram remunerados de forma desigual.

Assim, Shultz (1961) e Becker (1962), ao constatarem que a mão-de-obra era heterogênea no mercado de trabalho e isso se relacionava fortemente com a determinação dos salários, sintetizaram suas premissas acerca dos determinantes dos salários na chamada Teoria do Capital Humano. Suas premissas partem do princípio de que a educação e a experiência profissional dos indivíduos no mercado de trabalho possuem um efeito positivo em sua renda, supondo que, na medida em que o volume de capital humano se eleve, a produtividade também irá crescer, elevando os rendimentos do trabalho.

Nesse contexto, Mincer (1974) desenvolveu um modelo de mensuração para a taxa de desconto que equaliza o custo e o ganho esperado de se investir em educação. A equação minceriana de determinação de salários é a forma mais utilizada na literatura especializada para estimar retornos à educação pois relaciona o rendimento do trabalhador às variáveis de capital humano, como escolaridade e experiência profissional, além de uma série de outros atributos individuais, geográficos, econômicos e sociais dos trabalhadores.

Vários pesquisadores têm aplicado e desenvolvido modelos empíricos a partir de Shultz (1961), Becker (1962) e Mincer (1974), entre outros, a fim de mensurar os determinantes que ocasionam as diferenças salariais por sexo no Brasil nas últimas duas décadas. Essas aplicações podem ser vistas em Giuberti e Menezes Filho (2005), Deming, Goldin e Katz (2012), Andrade (2016), Olivieri (2016) e Ângelo e Anjos (2018)

Contudo, a igualdade de condições de trabalho e salários entre os sexos não parece ser algo tão proximamente possível, pelo menos não no contexto de toda a sociedade. Mas, parece ser plausível se considerado grupos sociais com características semelhantes, em que o engajamento feminino possa ser considerado um diferencial. Reside aqui, assim, o diferencial deste trabalho, qual seja, a busca de uma métrica de identificação própria que seja representativa do engajamento feminino em grupos distintos e que comprove que essa maior ligação social influencie a remuneração salarial das mulheres com impacto superior a remuneração masculina.

2.1 Capital Social: Definições e Estratégia de Mensuração

O conceito de capital social abrange um intenso aspecto de interdisciplinaridade, na medida em que integra a sociologia, a psicologia, a antropologia, bem como a economia e combina várias ideias, incluindo as tradições culturais, a civilidade, o envolvimento cívico e a coesão social. Estudos empíricos sugerem que o capital social traz benefícios consideráveis para uma série de resultados econômicos e sociológicos (CLARIDGE, 2004). Nesse mote, existem três tipos de capital que interessam diretamente aos estudos econômicos: capital físico, humano e social.

Para Coleman (1990), o capital social representa os recursos, reais ou potenciais, obtidos a partir dos relacionamentos existentes entre as pessoas e suas redes de engajamento. Nesse contexto, o capital social é um bem público e, portanto, depende da disposição dos membros da comunidade em evitar o *free riding*, ou seja, àquele agente oportunista não disposto a arcar com os custos inerentes à geração do Capital social. Dessa forma, normas bem estabelecidas, confiança mútua entre as pessoas envolvidas, e a possibilidade de aplicação de sanções aqueles que não respeitarem o *status quo* social no qual estão inseridos tornam-se importantes fatores para sustentar esse ativo coletivo.

Putnam, Leonardi e Nonetti (1993) retomam o argumento central de Coleman (1990) e estabelece características para o capital social inerentes a um bem público, na medida em que o nível do capital social estabelecido em um grupo de indivíduos pode ser expandido a nível agregado, criando externalidades positivas à toda sociedade.

Ademais, conforme complementado por Nunes e Pizzi (2014), o capital social se refere a uma rede de relações que contribuem aos bens compartilhados em sociedade. As relações recíprocas, confiança mútua e as redes de parceria entre instituições democráticas e comunidade permitem fortalecer a solidariedade comunitária.

Partindo dessa análise, é perceptível que os benefícios do capital social advêm de duas formas distintas, mas integradas. Os laços sociais criados dentro de uma mesma rede de relacionamento que são, via de regra, mais intensos e geram benefícios a partir das relações entre seus indivíduos diretamente. Esses benefícios diretos são conhecidos como capital social de vínculo, ou *bonding*, identificando as conexões mais próximas entre indivíduos com características comuns entre si como, por exemplo, mesma família, mesmo grupo étnico, culto religioso comum, etc. De forma complementar, os laços existentes entre redes de relacionamento diferentes identificam interações mais distantes e mais fracas e levam ao que é chamado de capital social de ponte, ou *bridging* (ANDRIANI; KARYAMPAS, 2009).

Desta forma, existem dificuldades metodológicas evidentes na forma como os recursos gerados pelo capital social devem ser mensurados e como identificar os seus efeitos sobre as relações sociais e econômicas. Isso ocorre devido ao fato de que o conceito de capital social tem caráter fortemente multifacetado e impreciso, pois os dados não estão prontamente disponíveis ou não são facilmente observáveis, como são a maioria das informações econômicas. Assim, inevitavelmente, há de se lançar mão de aproximações representativas do capital social ou tentativas de mensuração com pesquisas de campo estruturadas (CLARIDGE, 2004).

Várias tentativas de medição empírica do capital social incorrem em falhas, devido fundamentalmente a problemas na separação entre forma, fonte e consequências geradas pelos recursos advindos. Assim, mensurar diretamente o capital social pode ser algo de difícil execução. Portanto, dada a assunção de sua existência e a consequente influência que exerce nas relações sociais entre grupos e indivíduos, a sua identificação pode ocorrer a partir da constatação dos efeitos que a sua ocorrência causa nos agentes envolvidos. Essa parece ser a forma mais objetiva de identificação dos efeitos provocados pelos recursos gerados a partir do capital social adquirido (COLLIER, 2002; CLARIDGE, 2004).

Portanto, a abordagem tratada neste trabalho visa identificar as consequências diretamente relacionadas as questões de composição de rendimentos e das diferenças salariais entre os sexos. A expectativa é que o capital social, através de suas redes de laços e confiança comunitária, reduza as diferenças salariais existentes entre homens e mulheres, precipuamente, se considerarmos o desenvolvimento e o aumento da influência feminina em todos os tecidos sociais a partir da segunda metade do século XX.

3. ESTRATÉGIA EMPÍRICA

Esse estudo se propõe identificar variáveis empíricas representativas para o capital social ao nível do indivíduo, verificando a influência de tais medidas sobre a composição dos salários e a consequente diferença salarial por sexo em diferentes extratos salariais. A hipótese fundamental defendida reside no fato de que o capital social reduz as diferenças salariais de gênero, além de ser fator relevante para a melhoria na composição dos salários das mulheres em diferentes faixas de renda do trabalho.

Nesse interim, o trabalho lança mão de uma estratégia empírica com diferentes aplicações econométricas, não necessariamente concorrentes entre si, com o objetivo único de testar a

hipótese básica formulada. Os modelos utilizados levam em consideração a decomposição dos efeitos do capital social por sexo, assim como a desagregação por grupo de sexo. Também considera possíveis efeitos gerados pela endogeneidade entre as variáveis da especificação.

Mincer (1974), ampliou os estudos de Schultz (1961) e Becker (1962) sobre a influência do capital humano para a composição salarial dos indivíduos e desenvolveu uma abordagem em que é possível estimar os retornos marginais do investimento em capital humano sobre os rendimentos dos trabalhadores. A equação de salários minceriana pode ser representada formalmente da seguinte forma:

$$\ln w_{ki} = X'_{ki} \beta_k + \varepsilon_{ki} \quad (1)$$

Em que $\ln w$ é o logaritmo da renda ajustada pelas horas de trabalho, X' são vetores de características observáveis de cada i indivíduos, relacionadas ao seu capital humano, além de características de controle e ε é o termo de erro estocástico

Inicialmente são obtidas as estimativas com Mínimos Quadrados Ordinários (MQO). Contudo, a utilização de MQO não permite dizer qual a parcela da diferença dos rendimentos se deve a características individuais presentes entre homens e mulheres. Assim, se faz necessária uma metodologia que identifique os componentes dos movimentos dos diferenciais ao longo da curva de rendimento. O método de decomposição de diferenciais por meio de uma análise contrafactual foi proposto por Oaxaca (1973) e desenvolvido por Blinder (1973), ficando conhecido na literatura como Método de Oaxaca-Blinder de decomposição de rendimentos.

Esse método de decomposição divide o diferencial de salários entre dois grupos, sendo uma parte explicada pelas características de produtividade relacionadas ao capital humano e outra parte residual, não explicada pelas diferenças de produtividade. A parte não explicada é comumente utilizada como uma medida de discriminação, mas também se refere às diferenças de elementos não observados pela estimação. Assim, a diferença de rendimentos entre sexo pode ser determinada como a diferença entre as equações estimadas por sexo, de forma que:

$$\Delta w = \ln \bar{w}_m - \ln \bar{w}_f = \bar{X}'_m \hat{\beta}_m - \bar{X}'_f \hat{\beta}_f \quad (2)$$

Em que m se refere as características dos homens e f faz referência as características femininas. Multiplicando, rearranjando e isolando os termos de (2), obtém-se:

$$\Delta w = (\bar{X}_m - \bar{X}_f)' \hat{\beta}_f + \bar{X}'_f (\hat{\beta}_m - \hat{\beta}_f) + (\bar{X}_m - \bar{X}_f)' (\hat{\beta}_m - \hat{\beta}_f) \quad (3)$$

A equação (3) é a decomposição salarial de Oaxaca-Blinder. Com a expressão definida por (3) é possível identificar a parcela do *gap* salarial que é explicado pelas diferenças nos atributos produtivos e a outra parcela que não é relacionada à produtividade dos trabalhadores.

Entretanto, a estimação de coeficientes pela média obtida pela decomposição de Oaxaca-Blinder pode esconder características importantes do comportamento dos salários dos indivíduos. Dessa forma, a regressão por *quantis* surge como alternativa para a estimação dos retornos educacionais ao longo da curva de distribuição dos salários, com a característica adicional de produzir estimativas mais robustas com relação a valores extremos se comparadas aquelas obtidas em regressões à média.

O método de decomposição para além da média que mais se aproxima dos objetivos da metodologia original de Oaxaca-Blinder é o desenvolvido por Firpo, Fortin e Lemieux (2009) e aplicado em Firpo, Fortin e Lemieux (2011) e permite a realização de uma decomposição que

computa o efeito individual de cada covariada na distribuição incondicional (SANTOS; HERMETO, 2019).

O método é baseado na abordagem da função de influência recentrada (*recentered influence function*, ou simplesmente *RIF*). A função de influência (*influence function*, ou *IF* da sigla em inglês) de uma determinada estatística $\nu(F_Y)$ representa a influência de uma observação individual sobre aquela distribuição e é um método bastante empregado para estimações robustas, utilizado sempre que a função de influência for definida para a estatística de interesse. Conforme definido por Firpo, Fortin e Lemieux (2009) e melhor formalizada por Silva e França (2016), a função de influência recentrada é dada por:

$$RIF(y, F_Y) = \nu(F_Y) + IF(y, F_Y) \quad (4)$$

Tal que o valor esperado da $RIF(y, F_Y)$ é:

$$E[RIF(y, F_Y)] = \int RIF(y, F_Y) dF_Y(y) = \nu(F_Y) \quad (5)$$

A equação (5) indica que qualquer estatística de interesse $\nu(F_Y)$ pode ser expressa em termos de um valor esperado. Considerando que a variável Y é observada na presença de um conjunto de covariada arranjadas em um vetor X , pode-se assumir que Y e X são conjuntamente distribuídas de acordo com $F_{Y,X}(y, x)$ e que a função de distribuição de Y condicionada em X é dada por $F_{Y|X}(y | X = x)$. Empregando a lei de expectativas iteradas para expressar $\nu(F_Y)$ em termos da expectativa condicional da $RIF(y; \nu, F_Y)$ dado X , sobre a função de distribuição incondicional (marginal) de Y , obtemos:

$$\nu(F_Y) = \int RIF(y, F_Y) dF_Y(y) = \int E[RIF(y, F_Y) | X = x] dF_X(x) \quad (6)$$

Segundo Silva e França (2016), a expressão (6) apresenta uma propriedade essencial na abordagem de *quantis* incondicionais, provendo uma forma simples de escrever qualquer funcional $\nu(F_Y)$ em termos do valor esperado da $RIF(y, F_Y)$. Em suma, a regressão RIF propõe a linearização da distribuição marginal das variáveis, tornando possível atender à Lei das Expectativas Iteradas e realizar a decomposição salarial seguindo a mesma lógica do método de Oaxaca-Blinder.

Cabe destacar que, para obter quaisquer diferenças lineares e não lineares na distribuição conjunta entre esses grupos, Firpo, Fortin e Lemieux (2018) descrevem o uso de regressões RIF em combinação com uma estratégia ponderada, conforme DiNardo, Fortin e Lemieux (1996), como uma metodologia viável para decompor diferenças nas estatísticas de distribuição além da média. Esse método é chamado de *Decomposição RIF* e possui três grandes vantagens: a simplicidade de sua implementação, a possibilidade de obter contribuições detalhadas de covariáveis individuais na decomposição agregada e a possibilidade de expandir a análise para qualquer estatística para a qual uma RIF possa ser definida.

Conforme Rios-Avila (2020), dado que exista uma função de distribuição conjunta que descreva todos os relacionamentos entre a variável dependente Y , as características exógenas X e a variável categórica T que identifica a associação ao grupo da população ($f_{Y,X,T}$), a distribuição cumulativa de Y dado T pode ser escrita como,

$$F_{Y|T=k} = \int F_{Y|X,T=k} dF_{X|T=k} \quad (7)$$

Dessa forma, para analisar as diferenças entre dois grupos, a distribuição condicional cumulativa de Y pode ser usada para calcular a diferença na estatística distributiva ν :

$$\Delta\nu = \nu\left(\int F_{Y|X,T=1} dF_{X|T=1}\right) - \nu\left(\int F_{Y|X,T=0} dF_{X|T=0}\right) \quad (8)$$

Onde $T = 0,1$ são os grupos de análise. A equação (8) mostra que as diferenças nas estatísticas de interesse $\Delta\nu$ surgirão devido a diferenças na distribuição de X ($dF_{X|T=1} \neq dF_{X|T=0}$) ou devido a diferenças nas relações entre Y e X ($dF_{Y|X,T=1} \neq dF_{Y|X,T=0}$).

Para identificar quão importantes são as diferenças nas características (efeito de composição) e as diferenças nos coeficientes (efeito da estrutura salarial) para explicar a diferença geral na estatística distributiva ν , é necessário criar um cenário contrafactual. Como mostra Rios-Avila (2020), a estatística contrafactual ν_c pode ser definida da seguinte maneira:

$$\nu_c = \nu(F_Y^c) = \nu\left(\int F_{Y|X,T=0} dF_{X|T=1}\right) \quad (9)$$

Dessa forma, regressões *RIF* distintas podem ser estimadas para cada grupo, para que a estatística contrafactual possa ser identificada da seguinte forma:

$$\nu_c = \bar{X}' \hat{\beta}^0 \quad (10)$$

A expressão (10) corresponde a Decomposição de Oaxaca-Blinder padrão onde $\Delta\nu_x = (\bar{X}^1 - \bar{X}^0)' \beta^0$ e $\Delta\nu_s = \bar{X}' (\hat{\beta}^1 - \hat{\beta}^0)$.

É necessário considerar, também, uma possível relação de simultaneidade existente entre o capital social e os salários dos indivíduos. Ou seja, a possibilidade de existência de endogeneidade entre as variáveis escolhidas para representação do capital social com as demais variáveis de análise. Assim, dada a possibilidade de presença de endogeneidade na especificação, as estimações são realizadas utilizando o método de regressão por variáveis instrumentais (*IV*, da sigla em inglês) visando o controle de prováveis efeitos não observáveis.

De acordo com Wooldridge (2016), para obter estimadores consistentes dos β 's em (1) quando for imperativa a correção dos efeitos da endogeneidade é necessário definir uma nova variável z que seja observável e que satisfaça as seguintes condições: a) z não seja correlacionada com ε , isto é, $Cov(z, \varepsilon) = 0$, e; b) z seja correlacionada com x de interesse, $Cov(z, x) \neq 0$. Satisfeita essas condições, a variável z é uma variável instrumental de x , ou simplesmente um instrumento para x , definidos conforme descrito no Quadro 1.

De acordo com Szwarcwald et al (2014), a PNS possui um desenho complexo de amostragem, com probabilidades desiguais de seleção dos indivíduos pesquisados. Desta forma, para a análise dos dados da PNS e posterior extrapolação dos dados amostrais para a população, são aplicados fatores de expansão ou pesos amostrais dos domicílios e todos seus moradores, assim como do morador selecionado para responder a terceira parte do questionário, para calibrar os dados de forma a buscar a consistência das estimativas com os totais conhecidos. Assim, a fim de verificar se os resultados obtidos com as estimativas a partir da amostra reverberam para a amostra expandida são estimados, a partir do plano amostral expandido, os modelos com os métodos MQO e *IV*, utilizando as mesmas especificações já

definidas anteriormente. Os demais métodos estimados para a amostra (Decomposição de Oaxaca-Blinder, *RIF* e Decomposição *RIF*) não são estimados em decorrência da falta de adequação metodológica para a amostra expandida.

3.1 Base de Dados e Tratamentos das Variáveis

O banco de dados utilizado nesse estudo é a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) realizada no ano de 2013 em parceria formada pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e o IBGE. A justificativa para a utilização da PNS reside no fato de que além de produzir dados em âmbito nacional sobre a situação da saúde, a pesquisa se propôs a levantar informações acerca dos estilos de vida da população brasileira. O questionário aplicado apresenta informações sobre aspectos da vida do indivíduo com a família, amigos e algumas atividades em grupo, além de identificar a frequência na qual o indivíduo participa das atividades relacionadas.

A PNS é composta por três questionários. Dois são respondidas por um residente do domicílio e observam questões sobre as características particulares daquele domicílio, bem como da situação socioeconômica e de saúde de todos os residentes. Um terceiro questionário individual é obrigatoriamente respondido por um residente que tenha idade igual ou superior a 18 anos selecionado dentre os adultos residentes no domicílio e contempla informações acerca de morbidade e estilos de vida dos residentes naquele domicílio (PNS, 2020).

A amostra total da PNS corresponde a 205.546 indivíduos. Contudo, quando utilizado apenas o plano amostral de moradores com 18 anos ou mais de idade, os quais responderam os módulos extras do questionário, a base de dados é reduzida para 64.653 indivíduos. Por fim, para evitar problemas com viés de seletividade em relação aqueles indivíduos que não possuem rendimento, são excluídos todos os indivíduos que informaram não ter renda monetária do trabalho na pesquisa, além daqueles que não tenham respondido a informação sobre jornada de trabalho semanal, levando a base de dados a 38.398 pessoas. As especificações dos modelos empíricos adaptam o disposto em Shultz (1961), Becker (1962), Oaxaca (1973), Blinder (1973), Mincer (1974), Firpo, Fortin e Lemieux (2009), Morais Filho (2011), Madalozzo, Martins e Lico (2015), Santos e Hermeto (2019) e Cruz e Irfi (2019).

A variável dependente é o logaritmo do salário ajustado pelas horas trabalhadas ($\log w/h$). A fim de reduzir significativamente o desvio-padrão da *proxy* de rendimento, o salário por hora trabalhada considera como valor mínimo o equivalente a remuneração por hora relacionada ao salário mínimo do ano de 2013 (ano de realização da pesquisa) e é limitado a R\$ 150, correspondendo a, aproximadamente, 99% da amostra. Considerando o escopo desse trabalho, o qual parte da suposição de que os laços de relacionamento entre os indivíduos reduzem as diferenças salariais entre homens e mulheres, foi definida como variável de interesse a existência de rede de relacionamento (amigos) por parte do indivíduo, denominada de *capital_social*. Também são definidas duas variáveis para fins de utilização nas estimações via regressões por variáveis instrumentais, *cs_esp* e *cs_relig*, definidas conforme Quadro 1.

As variáveis explicativas, por sua vez, são divididas em três grupos. O grupo 1 identifica as variáveis relacionadas as características pessoais, civis e familiares do indivíduo, além de *dummies* para as faixas de escolaridade (analfabeto, escolarizado, fundamental, médio e superior), onde os indivíduos analfabetos são o grupo base de comparação. O grupo 2 reúne as variáveis relacionadas a ocorrência de diagnóstico de doenças, à violência sofrida e à aquisição de seguro privado de saúde. Tais variáveis visam identificar o risco à saúde dos indivíduos e sua influência na composição dos rendimentos. O grupo 3 inclui um conjunto de *dummies* que identificam a macrorregião do país na qual o indivíduo reside, sendo a região Sudeste a variável base. O Quadro 1 descreve as variáveis selecionadas.

Quadro 1. Descrições das variáveis

Tipo	Variável	Descrição
dependente	log w/h	Logaritmo do salário ajustado pelas horas trabalhadas
impacto	capital_social	Estoque de capital social. Assume valor 1 se o indivíduo possui rede de relacionamentos e 0, caso contrário
	cs_mulher	Variável de interação. Assume valor 1 se o indivíduo for do sexo feminino e possuir estoque de capital social e 0, caso contrário
instrumento	cs_esp	Frequência em atividades esportivas ou artísticas em grupo. Assume valor 1 se o indivíduo participou mais de uma vez por semana e 0, caso contrário
	cs_relig	Frequência em que compareceu a atividades religiosas. Assume valor 1 se o indivíduo participou mais de uma vez por semana e 0, caso contrário
grupo 1	idade	Idade em anos
	idade2	Idade ao quadrado
	tempo_emp	Experiência profissional
	tempo_emp2	Experiência profissional ao quadrado
	mulher	Assume valor 1 se o indivíduo for do sexo feminino e 0, caso contrário
	branco	Assume valor 1 se a pessoa se autodeclara da raça branca e 0, caso contrário
	casado	Sendo igual a 1 se o indivíduo for casado e 0, caso contrário
	urbano	Assume valor 1 se o indivíduo reside na zona urbana e 0, caso contrário
	resp_dom	Assume valor 1 se o indivíduo é o responsável pelo domicílio e 0, caso contrário
	morad_dom	Quantidade de moradores residentes no domicílio
grupo 2	plano_saude	Assume valor 1 se o indivíduo possui plano de saúde privado e 0, caso contrário
	doen_cancer	Assume valor 1 se o indivíduo recebeu diagnóstico de câncer e 0, caso contrário
	doen_coracao	Assume valor 1 se o indivíduo recebeu diagnóstico de doença do coração e 0, caso contrário
	doen_cronica	Assume valor 1 se o indivíduo recebeu diagnóstico de doença crônica e 0, caso contrário
	viol_conh	Assume valor 1 se o indivíduo sofreu violência por pessoa conhecida e 0, caso contrário
	viol_desconh	Assume valor 1 se o indivíduo sofreu violência por pessoa desconhecida e 0, caso contrário
grupo 3	macroregiões	Assume valor 1 se o indivíduo é residente em uma macrorregião específica (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro Oeste) e 0, caso contrário

Fonte: Elaboração própria a partir do questionário-base da PNS 2013.

No grupo 2, a identificação das variáveis que buscam identificar se o indivíduo sofreu violência se mostra importante visto que pesquisas sobre as sequelas na saúde mental e física das mulheres que sofreram violência perpetrada por parceiros sugerem a existência de sequelas em mais de 10% dos casos (CAMPBELL, 2002 *apud* CRUZ; IRFFI, 2019). Todas as estimativas para o grupo 2 possuem expectativas de sinal negativo, exceto a variável relacionada ao fato do indivíduo possuir plano de saúde, que possui expectativa de sinal positivo.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O objetivo central deste trabalho é pôr em teste a hipótese de que o capital social reduz as diferenças salariais entre homens e mulheres, na medida em que é fator relevante para a melhoria na composição dos salários em geral, mas com efeito preponderante sobre os rendimentos das mulheres.

Os modelos utilizados levam em consideração a decomposição dos efeitos do capital social por sexo, assim como a desagregação para homens e mulheres separadamente, para os indivíduos maiores de 18 anos. A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas da amostra da PNS e da expansão para a população. A Tabela 2 traz às estimativas da equação minceriana (resultados robustos com MQO) e a Tabela 3 apresenta os resultados obtidos com variáveis instrumentais. A Tabela 4 traz os resultados da decomposição de Oaxaca-Blinder com estimativas na média. Já a Tabela 5 apresenta os resultados para as regressões quantílicas incondicionais, enquanto que a Tabela 6 traz as estimativas obtidas com a Decomposição *RIF* através da metodologia de Oaxaca-Blinder.

Tabela 1. Estatísticas descritivas das variáveis

Variável	Amostra					Amostra Expandida		
	Obs.	Média	DP	Mín	Máx	Pop	Média	EP
capital_social	38.398	0,6961	0,4599	0	1	87.797.523	0,6861	0,0045
cs_esp	35.606	0,1166	0,3209	0	1	87.797.523	0,1187	0,0032
cs_relig	35.606	0,1462	0,3533	0	1	87.797.523	0,1407	0,0033
cs_mulher	38.398	0,3201	0,4665	0	1	87.797.523	0,2967	0,0040
sal_hora	38.398	10,3879	13,8622	0,7179	150	87.797.523	10,2232	0,1405
idade	38.266	39,0038	12,2879	18	75	87.452.364	38,5714	0,1100
tempo_emp	35.129	8,6103	9,9333	0,0833	50	86.485.039	8,5560	0,0931
mulher	38.398	0,4542	0,4979	0	1	87.797.523	0,4249	0,0041
branco	38.398	0,4033	0,4906	0	1	87.797.523	0,4862	0,0048
casado	38.398	0,3955	0,890	0	1	87.797.523	0,4462	0,0047
urbano	38.398	0,8499	0,3572	0	1	87.797.523	0,8882	0,0031
resp_dom	38.398	0,6020	0,4895	0	1	87.797.523	0,5190	0,0048
morad_dom	38.398	3,2019	1,5672	1	16	87.797.523	3,5321	0,0168
analfabeto	38.398	0,0993	0,2991	0	1	87.797.523	0,0828	0,0024
alfabetizado	38.398	0,2068	0,4050	0	1	87.797.523	0,2094	0,0040
fundamental	38.398	0,1556	0,3625	0	1	87.797.523	0,1594	0,0035
medio	38.398	0,3687	0,4825	0	1	87.797.523	0,3818	0,0047
superior	38.398	0,1695	0,3742	0	1	87.797.523	0,1666	0,0039
plano_saude	38.398	0,3107	0,4628	0	1	87.797.523	0,3413	0,0048
doen_cancer	38.398	0,0089	0,0941	0	1	87.797.523	0,0092	0,0008
doen_coracao	38.398	0,0205	0,1419	0	1	87.797.523	0,0261	0,0017
doen_cronica	38.398	0,3255	0,4686	0	1	87.797.523	0,3642	0,0045
viol_conh	38.398	0,0272	0,1627	0	1	87.797.523	0,0250	0,0013
viol_desconh	38.398	0,0379	0,1909	0	1	87.797.523	0,0385	0,0019
norte	38.398	0,2165	0,4119	0	1	87.797.523	0,0722	0,0012
nordeste	38.398	0,2748	0,4464	0	1	87.797.523	0,2404	0,0034
sul	38.398	0,1288	0,3250	0	1	87.797.523	0,1601	0,0027
sudeste	38.398	0,2418	0,4282	0	1	87.797.523	0,4463	0,0043
centrooeste	38.398	0,1381	0,3450	0	1	87.797.523	0,0810	0,0014

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNS 2013.

Os resultados relacionados aos modelos de 1 a 4 na Tabela 2⁴ são aqueles que consideram uma única equação na análise com especificação distintas, enquanto que os modelos 5 e 6 apresentam os resultados para as estimações feitas para cada sexo, sendo o modelo 5 relativo aos homens e o modelo 6 às mulheres. Considerando uma única equação, o *gap* salarial calculado sem o efeito do capital social é 21,28% (modelo 1). Quando o capital social é incluído na equação (modelo 2), o *gap* praticamente se mantém no mesmo percentual e o impacto médio do capital social na variável dependente é 4,61%. Quando o capital social é mensurado pela variável interada *cs_mulher* (modelo 3), que representa o estoque de capital social das mulheres (resultado do produto entre *mulher* e *capital_social*) o impacto de ser mulher com estoque de capital social na variável dependente é de 4,54%, porém, o *gap* “direto” eleva-se para 24,37%.

Tabela 2. Impactos do capital social sobre os salários - Estimativas com MQO

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 5	Modelo 6
mulher	- 0,2128*** (0,0075)	- 0,2132*** (0,0075)	- 0,2437*** (0,0109)	- 0,2134*** (0,0128)	---	---
capital_social	---	0,0461*** (0,0078)	---	0,0460*** (0,0104)	0,0455*** (0,0104)	0,0528*** (0,0116)
cs_mulher	---	---	0,0454*** (0,0115)	0,0003 (0,0153)	---	---
R²	0,4035	0,4041	0,4038	0,4041	0,4140	0,3944
Obs.	35.032	35.032	35.032	35.032	18.751	16.281

Fonte: Elaboração própria com base nos resultados das estimações.

Nota: Significância (***) = 1%; (**) = 5%; (*) = 10%. Erros-padrão robustos das estimativas entre parênteses.

Quando são incluídas as três variáveis de interesse na equação (modelo 4) o *gap* se mantém praticamente o mesmo que o obtido no modelo 1 e o impacto do capital social continua positivo, na mesma magnitude e significativo, porém a variável interada não se mostra significativa. Na estimação de equações por grupo, o capital social se mostra significativo para ambos os sexos com impacto superior nos salários das mulheres, (5,28%) em relação aos dos homens (4,55%).

Os resultados indicam que em todas as especificações estimadas com MQO o capital social provoca um efeito de melhoria na composição salarial, sendo que os modelos 3 e 6 sugerem que as mulheres possuem vantagem relativa nessa melhoria. Assim, o resultado relacionado ao impacto do capital social sobre os rendimentos é significativo e positivo para os salários médios quando considerados ambos os sexos.

A Tabela 3 resume os resultados com utilização de variáveis instrumentais. O modelo 1 considera o total de observações da amostra utilizada. Já os modelos 2 e 3 são relativos às estimativas por sexo, homens e mulheres, respectivamente. Os resultados obtidos para a variável de interesse se mostram estatisticamente significantes em todos os modelos estimados. Os testes de subidentificação e validade dos instrumentos utilizados também se mostram satisfatórios, exceto o teste de Hansen para o modelo 2, o que não invalida o resultado visto que o importante para esta análise são as comparações por grupo.

A magnitude dos resultados difere bastante das obtidas com MQO, provavelmente devido à utilização do conjunto de instrumentos. Para os homens, a existência de capital social provoca um aumento de 140% nos seus salários. Já para a amostra das mulheres, os resultados indicam que seus salários aumentam em, aproximadamente, 196% devido ao estoque de capital social. Nesse sentido, para as mulheres, o impacto do capital social sobre a composição dos seus salários é aproximadamente 56 pp a mais em relação aos homens.

⁴ As estimativas completas podem ser solicitadas junto aos autores.

Tabela 3. Impactos do capital social sobre os salários - Estimativas com IV

Especificações	capital_social	Teste de subidentificação	Teste de validade dos instrumentos	Obs.
Modelo 1 (amostra total)	2,2314*** (0,3739)	52,496 (0,0000)	3,452 (0,0632)	35.032
Modelo 2 (homens)	1,4063*** (0,3921)	26,543 (0,0000)	4,321 (0,0376)	18.751
Modelo 3 (mulheres)	1,9562*** (0,4412)	32,263 (0,0000)	0,763 (0,3824)	16.281

Fonte: Elaboração própria com base nos resultados das estimações.

Nota: Significância (***) = 1%; (**) = 5%; (*) = 10%. Erro-padrão das estimativas e *p-values* dos testes entre parênteses.

Os resultados da tabela 3 sugerem duas coisas distintas: a primeira é que o capital social realmente promove a melhoria na composição dos salários, independente do sexo do indivíduo, e; a segunda, que o impacto dessa melhoria é evidentemente superior para as mulheres.

Mensurar diretamente o capital social pode ser algo de difícil execução, então, dada a assunção de sua existência e, portanto, a conseqüente influência que exerce nas relações sociais entre grupos e indivíduos, a sua identificação pode ocorrer a partir da constatação dos efeitos que a sua ocorrência causa nos agentes envolvidos.

Desta forma, os efeitos do capital social na decomposição de Oaxaca-Blinder são mensurados de duas formas: direta e indiretamente. O impacto indireto consiste em estimar as diferenças salariais tendo *mulher* como variável de separação de grupos e obter os resultados para três grupos específicos: especificação padrão, especificação que considera somente aquelas pessoas que não tem capital social (*capital_social* = 0) e a especificação para aquelas pessoas que possuem estoque de capital social (*capital_social* = 1).

Por sua vez, o impacto direto do capital social sobre os salários consiste em substituir a variável de separação de grupos pela variável interada *cs_mulher*, o que significa que haverá um grupo em que estarão todas as mulheres que possuem estoque de capital social e outro grupo com os demais indivíduos. A Tabela 4 apresenta os resultados obtidos para essas condições de especificação com utilização da decomposição de Oaxaca-Blinder (O-B).

Tabela 4. Decomposição de Oaxaca-Blinder sobre os salários na média

Método de estimação (impacto indireto)	Homens	Mulheres	Dif. Salarial	Obs.
O-B padrão	1,9550*** (0,0063)	1,8493*** (0,0067)	0,1057*** (0,0092)	35.032
O-B p/ grupo s/ capital social (<i>capital_social</i> = 0)	1,8515*** (0,0102)	1,6677*** (0,0111)	0,1838*** (0,0151)	11.455
O-B p/ grupo c/ capital social (<i>capital_social</i> = 1)	2,0085*** (0,0080)	1,9314*** (0,0082)	0,0771*** (0,0114)	23.577
Método de estimação (impacto direto)	outros	cs_mulher	Dif. Salarial	Obs.
O-B padrão (<i>cs_mulher</i>)	1,8939*** (0,0056)	1,9314*** (0,0082)	-0,0375*** (0,0099)	35.032

Fonte: Elaboração própria com base nos resultados das estimações.

Nota: Significância (***) = 1%; (**) = 5%; (*) = 10%. Erro-padrão das estimativas entre parênteses.

O primeiro ponto a ser observado na Tabela 4 é que as estimativas que consideram a influência do capital social geram estimativas salariais maiores para ambos os sexos. Considerando os resultados a partir do impacto indireto do capital social, é perceptível que a existência de estoque de capital social por parte das mulheres produz um efeito de melhoria na composição salarial feminina, reduzindo a diferença salarial a aproximadamente 40% do valor em relação àquelas mulheres que não possuem tal condição. A variável interada produz uma diferença salarial em favor das mulheres de 0,0375. Os resultados apontam que há um claro impacto positivo do estoque de capital social para as mulheres que o possuem, visto que seu acúmulo melhora a composição salarial das mulheres via impacto indireto e inverte o sentido do hiato salarial em desfavor dos homens, quando medido via impacto direto. Esses resultados sugerem que o acúmulo de estoque de capital social por parte das mulheres possibilita melhor composição salarial em relação tanto aos homens em geral quanto aquelas mulheres que não o possuem.

A tabela 5 resume os resultados das estimativas no método baseado na abordagem da função de influência recentrada. Os resultados relacionados aos modelos de 1 a 3 são aqueles que consideram especificações distintas e uma única equação na análise, enquanto que os modelos 4 e 5 apresentam os resultados de mensuração do capital social para as estimativas feitas por grupo de sexo. As estimativas foram realizadas para cada *quantil* pontual, considerando o intervalo *interquartil* de 0,10.

O modelo 1 exposto na Tabela 5 apresenta os resultados para o hiato salarial entre homens e mulheres para os *quantis* selecionados ao longo da distribuição de salários, mostrando que menores diferenças salariais ocorrem entre os *quantis* 20° e 30°. A medida que os salários crescem acima do 40° quantil, as diferenças de rendimentos se elevam e ficam sempre superiores a 20%, em desfavor das mulheres.

As estimativas das variáveis de interesse para o modelo 2 mantêm aproximadamente os mesmos valores para os hiatos salariais vistos no modelo 1 e incluem a medida do impacto do capital social na distribuição dos salários. Os resultados mostram que o capital social provoca um efeito positivo na composição dos salários da amostra entre 2,36% e 7,89% ao longo da distribuição dos rendimentos, sendo que a predominância dos maiores efeitos ocorre acima do 40° *quantil*.

Nos resultados do modelo 3 pode-se perceber que o *gap* é consideravelmente maior que nos modelos anteriores para a distribuição de salários abaixo da mediana, chegando a ser superior a 30% em favor dos homens no 10° *quantil*. Todavia o resultado mais interessante para essa especificação diz respeito à comparação dos resultados para as variáveis *capital_social* e *cs_mulher*. Até o 40° *quantil* não há efeito significativo do capital social se considerados ambos os sexos, mas, por outro lado, esse impacto é significativo e positivo para a composição salarial das mulheres, chegando a ter impacto de até 11,58% sobre os acréscimos de rendimentos na faixa dos menores salários, perdendo significância após o 40° *quantil* da distribuição de salários.

Quando considerada a distribuição acima do 70° *quantil*, há um claro efeito do capital social na composição de rendimentos dos homens em detrimento dos salários femininos, visto que, enquanto o *capital_social* aumenta, o *cs_mulher* mostra uma reversão dos efeitos do capital social sobre os rendimentos femininos. Tais resultados sugerem que a influência do capital social para a melhoria da composição salariais das mulheres ocorre na parte inferior da distribuição de rendimentos e vai perdendo significância quando a distribuição salarial se aproxima de sua mediana.

Tabela 5. Decomposição quantílica incondicional dos salários para diferentes especificações

quantil	Modelo 1		Modelo 2			Modelo 3				Modelo 4		Modelo 5	
	mulher	R ²	mulher	cap_social	R ²	mulher	cap_social	cs_mulher	R ²	cap_social (homem)	R ²	cap_social (mulher)	R ²
0,10	-0,2460*** (0,0165)	0,1284	-0,2463*** (0,0165)	0,0323* (0,0181)	0,1291	-0,3244*** (0,0312)	-0,0197 (0,0229)	0,1158*** (0,0360)	0,1294	0,0207 (0,0183)	0,1454	0,0608** (0,0294)	0,1265
0,20	-0,1154*** (0,0071)	0,1759	-0,1156*** (0,0071)	0,0255*** (0,0076)	0,1762	-0,1452*** (0,0130)	0,0058 (0,0098)	0,0439*** (0,0151)	0,1764	0,0139 (0,0105)	0,1957	0,0342*** (0,0106)	0,1620
0,30	-0,1543*** (0,0068)	0,2175	-0,1545*** (0,0068)	0,0236*** (0,0072)	0,2177	-0,1900*** (0,0122)	-0,0001 (0,0093)	0,0526*** (0,0143)	0,2181	0,0219* (0,0114)	0,2314	0,0326*** (0,0095)	0,1804
0,40	-0,2067*** (0,0085)	0,2419	-0,2070*** (0,0085)	0,0394*** (0,0090)	0,2424	-0,2448*** (0,0151)	0,0143 (0,0117)	0,0560*** (0,0178)	0,2426	0,0313** (0,0127)	0,2584	0,0463*** (0,0121)	0,2217
0,50	-0,2336*** (0,0090)	0,2624	-0,2340*** (0,0090)	0,0442*** (0,0096)	0,2629	-0,2513*** (0,0159)	0,0326** (0,0127)	0,0257 (0,0188)	0,2629	0,0512*** (0,0125)	0,2722	0,0553*** (0,0137)	0,2613
0,60	-0,2103*** (0,0098)	0,2843	-0,2108*** (0,0098)	0,0566*** (0,0103)	0,2854	-0,2017*** (0,0169)	0,0626*** (0,0139)	-0,0135 (0,0201)	0,2854	0,0682*** (0,0136)	0,2839	0,0618*** (0,0171)	0,2996
0,70	-0,2383*** (0,0127)	0,3084	-0,2388*** (0,0127)	0,0581*** (0,0132)	0,3088	-0,2011*** (0,0214)	0,0832*** (0,0180)	-0,0558** (0,0257)	0,3089	0,0740*** (0,0171)	0,3063	0,0560*** (0,0192)	0,3222
0,80	-0,2720*** (0,0171)	0,3000	-0,2726*** (0,0171)	0,0789*** (0,0172)	0,3003	-0,1871*** (0,0275)	0,1358*** (0,0236)	-0,1267*** (0,0339)	0,3006	0,0991*** (0,0221)	0,3137	0,0468** (0,0218)	0,3037
0,90	-0,2716*** (0,0211)	0,2207	-0,2721*** (0,0210)	0,0586*** (0,0201)	0,2209	-0,1877*** (0,0313)	0,1147*** (0,0281)	-0,1250*** (0,0400)	0,2211	0,0747*** (0,0281)	0,2595	0,0669** (0,0269)	0,2014
Obs.	35.032		35.032			35.032				18.751		16.281	

Fonte: Elaboração própria com base nos resultados das estimações.

Nota: Significância (***) = 1%; (**) = 5%; (*) = 10%. Erro-padrão das estimativas entre parênteses.

Ainda da Tabela 5 os modelos 4 e 5 apresentam um resumo das estimativas considerando as equações por sexo. No modelo 4, os resultados sugerem a inexistência de efeito do capital social sobre os salários dos homens para as faixas abaixo do 40º *quantil* e um impacto positivo e crescente a partir desse ponto da distribuição de rendimentos. Já para as mulheres, todas as estimativas se mostram significativas a 5%, com predominância de efeitos superiores aos dos homens até a mediana da distribuição de rendimentos, corroborando, assim, a hipótese de que o capital social promove melhorias salariais médias sobre os salários femininos com impacto superior aquelas provocadas aos salários masculinos, predominantemente até o *quantil* relativo a mediana da distribuição de salários.

Partindo das definições dos impactos direto e indireto anteriores, os resultados da implementação da Decomposição *RIF* por intermédio do Método de Oaxaca-Blinder são expostos na Tabela 6. As estimativas também foram realizadas para cada *quantil* pontual, considerando o intervalo *interquartil* de 0,10.

A primeira observação interessante que pode ser feita a partir dos resultados para os efeitos indiretos na Tabela 6 é que os salários do grupo que possui estoque positivo de capital social são maiores em relação àqueles que não o possuem, independente do sexo. Resultados que se repetem quando esse mesmo grupo é comparado com a amostra que não diferencia os indivíduos pelo estoque de capital social, evidenciando, *per si*, o efeito positivo do capital social na composição salarial dos indivíduos.

Quando comparados os grupos com e sem estoque de capital social, se percebe claramente que as diferenças salariais, apesar de persistirem, ocorrem em valores significativamente menores. Enquanto o hiato salarial para o grupo que não possui estoque de capital social ocorre no intervalo entre 0,0699 e 0,2356, para o grupo que possui estoque de capital social esse intervalo ocorre entre 0,0389 e 0,1132, ao longo da distribuição de rendimentos, não existindo diferença significativa para o 10º *quantil* e mediana.

O último grupo de resultados da Tabela 6 apresenta as estimativas para o impacto direto do capital social sobre os salários, onde a variável de separação de grupos passa a representar, como anteriormente, todas as mulheres que possuem estoque de capital social, enquanto que no grupo adverso estão os demais indivíduos da amostra.

A obtenção dos salários com utilização da variável interada ao longo da distribuição de rendimentos resulta em estimativas maiores para as mulheres em quase todos os quantis sugeridos para análise. Nos quantis 30º, 40º e 50º os hiatos salariais não se mostraram significativos estatisticamente, o que indica que não há diferenças salariais significativas nesses pontos da distribuição dos salários. A influência do capital social na composição salarial feminina e a conseqüente redução do *gap* salarial por sexo parece ocorrer, em grande parte, próximo das caudas da distribuição de probabilidade dos rendimentos.

Foram realizadas, também, estimativas com a extrapolação dos dados amostrais para a população, seguindo Szwarzwald et al (2014) para definir os fatores de expansão dos domicílios e do morador selecionado para responder a terceira parte do questionário e no intuito de verificar se os resultados obtidos com as estimativas a partir da amostra reverberam para a população. Os modelos com os métodos MQO e *IV* foram executados utilizando as mesmas especificações já definidas anteriormente.

Os resultados para os hiatos salariais relacionados aos modelos 1, 2 e 3 seguem o mesmo sentido das estimativas para a amostra obtidas anteriormente, sendo que as estimativas para a amostra expandida produzem diferenças salariais 2,5 *pp* superiores, em média. No modelo 2, o estoque de capital social é significativo e positivo, mas pouco inferior ao obtido nas estimativas para a amostra. Já o estoque de capital social aplicado somente às mulheres no modelo 3 é significativo e 1 *pp* superior em relação ao plano amostral. Na especificação para o modelo 4 as evidências apontam que os impactos do capital social sobre os salários para a amostra expandida só são significativos a 10%.

Tabela 6. Comparação dos efeitos do capital social sobre os diferenciais de salários com decomposição quantílica incondicional

Quantil	Efeitos Indiretos									Efeitos Diretos		
	OB-RIF padrão			OB-RIF p/ grupo de indiv. sem CS (capital_social = 0)			OB-RIF p/ grupo de indiv. com CS (capital_social = 1)			OB-RIF p/ grupo de mulheres com CS		
	Homem	Mulher	Dif. Sal.	Homem	Mulher	Dif. Sal.	Homem	Mulher	Dif. Sal.	outros	cs_mulher	Dif. Sal.
0,10	1,0600*** (0,0086)	0,9601*** (0,0122)	0,0999*** (0,0149)	0,9661*** (0,0171)	0,7768*** (0,0224)	0,1894*** (0,0282)	1,0796*** (0,0108)	1,0677*** (0,0111)	0,0119 (0,0154)	0,9673*** (0,0101)	1,0684*** (0,0121)	- 0,1011*** (0,0157)
0,20	1,3065*** (0,0055)	1,2793*** (0,0051)	0,0272*** (0,0075)	1,2738*** (0,0092)	1,1882*** (0,0102)	0,0856*** (0,0138)	1,3538*** (0,0069)	1,3149*** (0,0062)	0,0389*** (0,0092)	1,2834*** (0,0046)	1,3149*** (0,0058)	- 0,0314*** (0,0074)
0,30	1,4730*** (0,0059)	1,4260*** (0,0048)	0,0470*** (0,0076)	1,4058*** (0,0094)	1,3359*** (0,0081)	0,0699*** (0,0124)	1,5181*** (0,0078)	1,4200*** (0,0065)	0,0981*** (0,0102)	1,4082*** (0,0046)	1,4200*** (0,0062)	- 0,0118 (0,0077)
0,40	1,6584*** (0,0067)	1,5509*** (0,0058)	0,1075*** (0,0089)	1,5835*** (0,0104)	1,4060*** (0,0085)	0,1775*** (0,0135)	1,7047*** (0,0086)	1,5915*** (0,0077)	0,1132*** (0,0115)	1,5767*** (0,0057)	1,5915*** (0,0078)	- 0,0148 (0,0096)
0,50	1,8481*** (0,0068)	1,6874*** (0,0070)	0,1607*** (0,0098)	1,7783*** (0,0107)	1,5727*** (0,0099)	0,2056*** (0,0146)	1,8932*** (0,0088)	1,7889*** (0,0091)	0,1043 (0,0127)	1,7958*** (0,0060)	1,7888*** (0,0091)	0,0070 (0,0109)
0,60	2,0438*** (0,0075)	1,9235*** (0,0089)	0,1203*** (0,0117)	1,9490*** (0,0115)	1,7157*** (0,0127)	0,2333*** (0,0171)	2,0781*** (0,0096)	2,0043*** (0,0109)	0,0739*** (0,0145)	1,9576*** (0,0065)	2,0043*** (0,0108)	- 0,0467*** (0,0126)
0,70	2,2783*** (0,0095)	2,1696*** (0,0105)	0,1087*** (0,0142)	2,1472*** (0,0142)	1,9584*** (0,0161)	0,1888*** (0,0215)	2,3463*** (0,0124)	2,2498*** (0,0133)	0,0965*** (0,0182)	2,2094*** (0,0084)	2,2499*** (0,0136)	- 0,0405** (0,0160)
0,80	2,6387*** (0,0125)	2,4583*** (0,0127)	0,1804*** (0,0178)	2,4858*** (0,0184)	2,2502*** (0,0212)	0,2356*** (0,0280)	2,7145*** (0,0154)	2,6649*** (0,0174)	0,0496** (0,0233)	2,5416*** (0,0108)	2,6661*** (0,0180)	- 0,1244*** (0,0210)
0,90	3,2118*** (0,0161)	3,0394*** (0,0152)	0,1724*** (0,0221)	2,9650*** (0,0289)	2,7616*** (0,0288)	0,2034*** (0,0408)	3,2694*** (0,0188)	3,1924*** (0,0189)	0,0770*** (0,0267)	3,0939*** (0,0141)	3,1924*** (0,0189)	- 0,0985*** (0,0236)
Obs.	18.751	16.281	35.032	6.389	5.066	11.455	12.362	11.215	23.577	23.817	11.215	35.032

Fonte: Elaboração própria com base nos resultados das estimações.

Nota: Significância (***) = 1%; (**) = 5%; (*) = 10%. Erro-padrão das estimativas entre parênteses.

Considerando as estimativas realizadas por sexo, os resultados do modelo 5 apontam para a falta de impacto significativo do capital social sobre os salários masculinos para a população, resultado que diverge do obtido para a amostra, onde o capital social produz efeito positivo sobre os salários dos homens. Já para as estimativas do modelo 6, o qual considera somente as mulheres no cálculo, os resultados para o impacto do capital social sobre os salários femininos se mostraram significativos e *0,7 pp* superior em relação a amostra.

As estimativas com variáveis instrumentais para a amostra expandida, utilizando os instrumentos já definidos conforme Quadro 1, mostraram que o impacto médio do estoque de capital social sobre os salários é significativo e da ordem de quase *143%*, independente do sexo do indivíduo. Mesmo sendo relativamente alto, o resultado é inferior daquele obtido para a amostra em quase *80 pp*. Quando considerado apenas o grupo de homens, o impacto do capital social só é significativo a *90%* de confiança. Já para as mulheres, o efeito do capital social sobre os salários é positivo e fortemente significativo, apesar de um pouco inferior em relação as estimativas da amostra.

Diante dos resultados obtidos, é possível corroborar os resultados que este trabalho vem construindo ao longo das estimações realizadas, embasado no fato de que o estoque de capital social melhora a composição dos salários de homens e mulheres, mas tem impacto superior sobre a remuneração feminina, sugerindo, assim, que o hiato salarial existente entre os sexos tende a diminuir quando as mulheres constroem um círculo de amizades, não só com amigos diretos, mas também ampliando essa interação social com “os amigos dos amigos”, isto é, com a acumulação de estoque de capital social *bonding* e *bridging*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capital social, tanto quanto as demais formas de capital – físico e humano –, promove a geração de valor, exercendo influência direta na composição dos rendimentos da força de trabalho. Contudo, sua mensuração não ocorre de maneira fácil e não há variáveis representativas que possam expressá-lo objetivamente, principalmente ao nível do indivíduo. Nesse sentido, esse trabalho se propõe a identificar variáveis representativas para o capital social ao nível do indivíduo, verificando seus efeitos sobre a composição dos salários e a consequente diferença salarial por sexo ao longo da distribuição de rendimentos.

Utilizando os dados amostrais da PNS foram executados diferentes modelos econométricos com estimativas na média e por *quantis* selecionados, com a intenção de pôr à prova a hipótese de que o capital social reduz as diferenças salariais entre homens e mulheres, na medida em que é fator relevante para a melhoria na composição dos salários em geral, mas com efeito preponderante sobre os rendimentos das mulheres em diferentes faixas de remuneração do trabalho. Os métodos aplicados não se configuraram como concorrentes entre si, na medida em que a intenção principal foi criar um arcabouço de resultados, sobre diversos aspectos econométricos para identificar a persistência dos resultados e, assim, corroborar a hipótese em teste.

Em linhas gerais, os resultados obtidos apontam que a construção das redes de amizades e relacionamentos tem significativo impacto na melhoria da composição dos salários, sugerindo que o conjunto de interações sociais (amigos e amigos dos amigos) produzem efeitos do estoque de capital social sobre os salários em geral, mas com impacto superior nos rendimentos femininos quando na média. Impacto este que se percebe predominante nos salários mais baixos, principalmente naqueles inferiores à mediana da distribuição de rendimentos, nas faixas salariais femininas mais baixas.

REFERÊNCIAS

ALTONJI, J. G.; BLANK, R. M. Race and gender in the labor market. **Handbook of Labor Economiccapital social**. v. 3, n. 3, p 3143-3257, 1999.

ANDRADE, T. **Mulheres no mercado de trabalho: Onde nasce a desigualdade?**. Brasília: Câmara dos Deputados, jul. 2016. (Série Estudos Técnicos).

ANDRIANI, L.; KARYAMPAS, D. **A new proxy of social capital and the economic performance across the italian regions**. London: University of London, 2009. (Birkbeck Working Paper in Economiccapital social & Finance n. 0903).

ANGELO, W.; ANJOS, E. Equidade salarial feminina no mercado de trabalho: Reflexões a partir de um levantamento bibliográfico. In: SIMPÓSIO DE TCC E SEMINÁRIO DE IC DA FACULDADE ICESP, 13., 2018, Brasília. **Anais ...** Brasília: ICESP, 2018.

ARAÚJO, V. F.; RIBEIRO, E. P. Diferenciais de salários por gênero no Brasil: Uma análise regional. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 33, n. 2, p. 1-22, abr./jun. 2002.

BECKER, G. S. Investment in human capital: A theoretical analysis. **Journal of Political Economy**, v. 5, n. 70, p. 9-49, 1962.

BLINDER, A. S. Wage Discrimination: Reduced Form and Structural Estimates. **The Journal of Human Resources**, v. 8, n. 4, p. 436-455, 1973.

CAOLI, C. Mulheres receberam 80% do salário dos homens em 2014, mostra IBGE. **g1.globo.com**, Rio de Janeiro, 17 jun. 2016, 18:50. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/06/mulheres-receberam-80-do-salario-dos-homens-em-2014-mostra-ibge.html>. Acesso em: 8 ago. 2019.

CHEVALIER, A. Education, occupation and career expectations: Determinants of the gender pay gap for UK graduates. **Oxford Bulletin of Economiccapital social and Statisticapital social**, v. 69, n. 6, p. 819-842, 2007.

CLARIDGE, T. **Social capital and natural resource management: An important role for social capital?**. Unpublished Thesis. University of Queensland, Brisbane, Australia, jun. 2004.

COLEMAN, J. S. **Foundations of social theory**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

COLLIER, P. Social capital and poverty: a microeconomic perspective. In: Thierry Van BASTELAER, T. V. **The Role of Social Capital in Development**. Melbourne: Cambridge University Press, p. 19-42, 2002.

CREMONESE, D. Insolidarismo e cordialidade: Uma análise das mazelas políticas do Brasil. In: BAQUERO, M.; CREMONESE, D. (Org.). **Capital social: teoria e prática**. Ijuí: Unijuí, 2006.

CRUZ, M. S.; IRFFI, G. D. Qual o efeito da violência contra a mulher brasileira na autopercepção da saúde?. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 7, p. 2531-2542, jul. 2019.

DEMING, D. J.; GOLDIN, C.; KATZ, L. F. The for-profit postsecondary school sector: Nimble critters or agile predators?. **Journal of Economic Perspectives**, v. 26, n. 1, p. 139–164, 2012.

DiNARDO, J.; FORTIN, N.; LEMIEUX, T. Labor market institutions and the distribution of wages, 1973-1992: A semiparametric approach. **Econometrica**, v. 64, n. 5, p. 1001-1044, 1996.

FAUSTINO, I. A.; ARAUJO, E.; MAIA, K. Mercado de trabalho e discriminação: Uma análise das diferenças salariais e discriminação por gênero no Brasil e Macrorregiões (2004-2014). In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 45., 2017, Natal. **Anais ... Natal: ANPEC**, 2017.

FIRPO, S.; FORTIN, N.; LEMIEUX, T. Decomposing wage distributions using recentered influence function regressions. **Econometric capital social**, v. 6, n. 2, 2018.

FORTIN, N.; LEMIEUX, T.; FIRPO, S. Unconditional quantile regressions. **Econometrica**, v. 77, n. 3, p. 953-973, 2009.

_____. Decomposition methods in economic capital social. In: ACEMOGLU, D.; AUTOR, D. (Eds.). **Handbook of Labor Economic capital social**. Amsterdam: Elsevier, 2011.

GIUBERTI, A. C.; MENEZES FILHO, N. A. Discriminação de rendimentos por gênero: Uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos. **Revista de Economia Aplicada**, v. 9, n. 3, p. 369-383, 2005.

GROVE, W. A.; HUSSEY, A.; JETTER, M. The Gender Pay Gap Beyond Human Capital: Heterogeneity in Noncognitive Skills and in Labor Market Tastes. **The Journal of Human Resources**, v. 46, n. 4, p. 827-874, 2011.

HOLZER, H.; NEUMARK, D. Are Affirmative Action Hires Less Qualified? Evidence from Employer–Employee Data on New Hires. **Journal of Labor Economic capital social**, v. 17, n. 3. P. 534–69, 1999.

LANG, K. A language theory of discrimination. **The Quarterly Journal of Economic capital social**, v. 101, n. 2, p. 363-382, 1986.

MADALOZZO, R.; MARTINS, S.; LICO, M. **Segregação ocupacional e hiato salarial entre os gêneros**. São Paulo: Insper, 2015. (Insper Working Paper, n. 357).

MINCER, J. **Schooling, experience and earnings**. New York: Columbia University Press, 1974.

NUNES, V. F.; PIZZI, J. The social capital category in Putnam: For a socially responsible. **International Journal of Advances in Social Science and Humanities**, v. 2, n. 10, p. 38-48, 2014.

OLIVIERI, R. S. C. **Tarefas profissionais e diferença salarial de gênero no Brasil**. Monografia (Curso de Ciências Econômicas) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2016.

OAXACA, R. Male-female wage differentials in urban labor markets. **International Economic Review**, v. 14, n. 3, p. 693–709, 1973.

PNS. **Pesquisa Nacional de Saúde** – Referencial Teórico. Disponível em: <<http://www.pns.icict.fiocruz.br/arquivos/Novos/Referencial%20teorico.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

POLLÁN, M. M. *Capital social: glosario*. Santiago de Compostela: Camiño do Faro, 2013.

PROBST, E. R. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **Rhportal.com.br**, São Paulo, 02 set. 2015. Disponível em: <https://www.rhportal.com.br/artigos-rh/a-evolucao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 11 ago. 2019.

PUTNAM, R. D.; LEONARDI, R.; NONETTI, R. Y. **Making Democracy Work**: Civic traditions in modern Italy. Princeton: Princeton University Press, 1993.

RIOS-AVILA, F. Recentered influence functions (RIFs) in Stata: RIF regression and RIF decomposition. **The Stata Journal**, v. 20, n. 1, p. 51-94, 2020.

SANTOS, M. M.; HERMETO, A. M. Uma abordagem de decomposição quantílica para diferenciais regionais de salários no Brasil metropolitano. **Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro**, v. 49, n. 1, p. 99-132, 2019.

SHULTZ, T. Investment in human capital. **The American Economic Review**, v. 51, n. 1, p. 1-17, 1961.

SZWARCWALD, C. L. et al. Pesquisa Nacional de Saúde no Brasil: concepção e metodologia de aplicação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.19, n. 2, p. 333-342, 2014.

WOOLDRIDGE, J. M. **Introdução à Econometria**: Uma abordagem moderna. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2016.